

Sibaclem

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES, COMPOSITORES E ESCRITORES DE MÚSICA

DIREÇÃO: BRAGA FILHO • N.º 75 • SETEMBRO 1968

| em revista



3 BAIANOS NA VIDA DE CARMEM



Caymmi num traço de Nassara (1963)

ARMANDO PACHECO

O TERCEIRO BAIANO

Dorival Caymmi pegou um "Ita" na Bahia e veio no Rio morar. Não tinha profissão certa, e nos idos de 38, quando isso ocorreu, êle poderia até ter sido prêso por vadiagem, tão incerto era o seu futuro. Sabia tocar violão e fazer bonecos, mas ninguém queria contratar desenhista nem tocador para serenatas que caíram de moda. Caymmi passava o tempo num quarto de pensão da Rua S. José, onde morava o atual vereador Edgar Carvalho, e onde o repórter às vêzes costumava fazer as refeições, de papo pro ar, divagando, lendo, ora a Bíblia e ora anúncios no "Jornal do Brasil".

Queria empregar-se mas era por demais preguiçoso para se animar a procurar trabalho. Todavia, quando a coisa se apertou e aumentou o *pinadura* na pensão, a alternativa de fracassar e voltar à província ou arranjar colocação e progredir, começou a vexá-lo. Sua bagagem compunha-se de um terno de brim baiano, o violão, a Bíblia e algumas composições musicais e poéticas do seu tempo de malandrinho das docas de Salvador e seresteiro da praia do Abaeté. Por fim resolveu-se a aceitar o serviço

que aparecesse e ia começar no dia seguinte como cozinheiro de um restaurante, mas não chegou a ser cozinheiro porque, no dia seguinte, encontrou Teófilo de Barros, que o levou à presença de Carmen Miranda. Caymmi exibiu seus predica-dos, ou seja, meia dúzia de sambas, entre os quais "A Preta do Acarajé" e "O que é que a Baiana tem?". Carmem, afiada pelos dois baianos de bossa, anteriores, Josué de Barros e Assis Valente, percebeu logo o talento de Dorival e pouco depois cantava para o Brasil e o mundo o famoso samba de Caymmi, responsável pela sua conquista de Hollywood. Provincianamente trajado, tímido, desconfiado, sorrindo à Gioconda para não mostrar os maus dentes da frente, Dorival Caymmi ensaiava ao lado de Carmem Miranda no dueto "O que é que a Baiana tem?". Na noite da estréia no Cassino da Urca, lá estava o môço Caymmi com a gaforinha esticada à brilhantina sob os reflexos das luzes, comparando aquêle instante supremo com a noite da estréia de Carmem Miranda no Jandaia da Bahia, em que êle se achava anônimamente perdido na torrinha do teatro...

Era êle o terceiro baiano na vida de Carmem Miranda, a arrancar do seu talento sucessos, sucessos, sucessos, para a glória, para a fortuna da carreira da Carmem, a que não é de Bizet nem de Merimée, a que os americanos chamam "Brazilian Bombshell".

É curiosa a coincidência. A três baianos Carmem Miranda deve a sua ascensional carreira de cantora popular. Êsses três filhos da Bahia, que ela tanto exaltou cantando em sambas, abriram caminho para a sua fama. Em três fases ou três momentos da vida da estrêla luso-brasileira, êles foram fatores decisivos. E quem são êles? Josué de Barros, Assis Valente e Dorival Caymmi, três baianos, três compositores de épocas diferentes. O primeiro, Josué de Barros, é autor de "Iaiá e Ioiô", que lançou verdadeiramente Carmem Miranda. O segundo, Assis Valente, abafou a banca em 33 com "Good bye, boy". E o terceiro, Dorival Caymmi, criou "O que é que a Baiana tem?", ponta de lança que levou Carmem Miranda para os Estados Unidos.